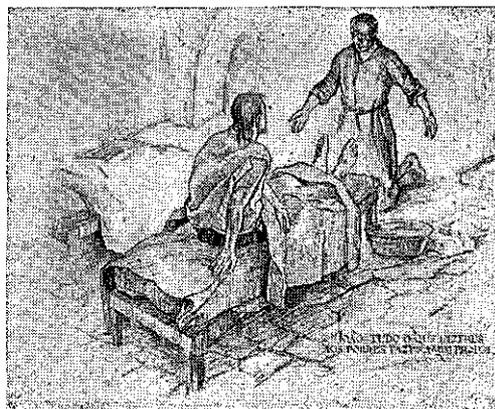


POR AMOR DAS CRIANÇINHAS

CEM ANOS DE VIDA DA CRECHE
DE S. VICENTE DE PAULO

CONFERÊNCIA
PELO DR. ANTÓNIO LUÍS GOMES
E OUTROS TRABALHOS



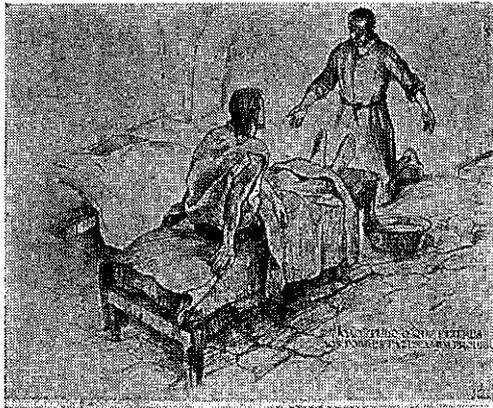
PORTO
1 9 5 4



POR AMOR DAS CRIANÇINHAS

CEM ANOS DE VIDA DA CRECHE
DE S. VICENTE DE PAULO

CONFERÊNCIA
PELO DR. ANTÓNIO LUÍS GOMES
E OUTROS TRABALHOS



PORTO
1. 9. 54

Empresa de Publicidade do Norte
Rua do Duque de Loulé, 73 — Porto

DIRECÇÃO:

Raúl Ramos Pinto

António Joaquim Correia Júnior

António Pereira da Silva

D. Adelina Ferreira Carmo

Carlos Araújo Correia de Vasconcelos

José Lelo

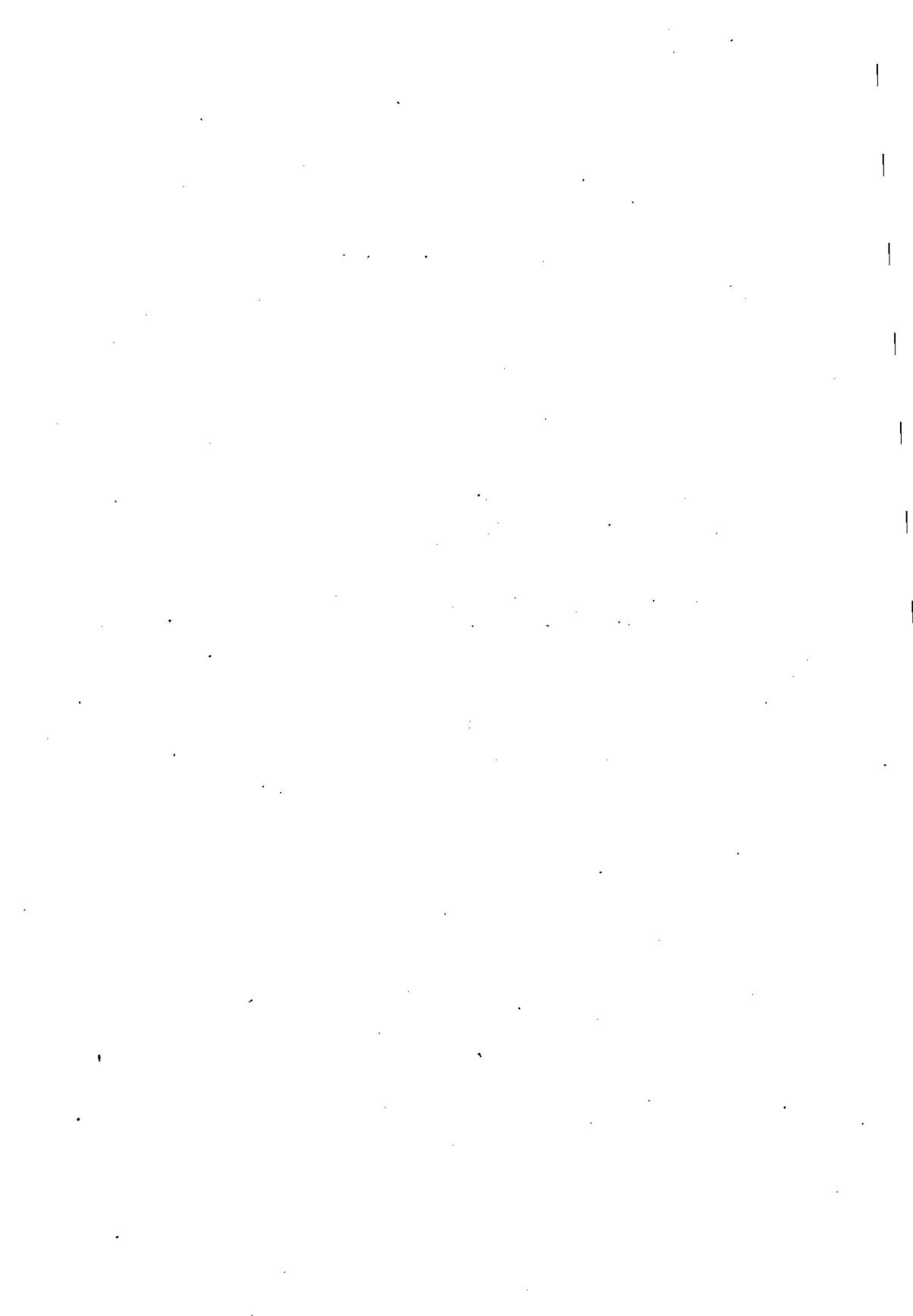
Alberto Guimarães

Dr. Casimiro Morais Machado

José Oliveira e Souza Aguiar

Nuno António Salgado Zenha Soeiro de Lacerda

Francisco Oliveira Sampaio Júnior



D U A S P A L A V R A S

Não há aí camilianista dedicado ou simples colecionador de bibliografia tripeira que não se abandone a demoradas pesquisas no propósito de obter, para a sua estante, esse volume de amena e instrutiva leitura a que foi dado o título de Óbolo às creanças e no qual se juntaram, algumas páginas admiráveis de Camilo Castelo Branco e de Francisco Martins Sarmiento, com um prólogo e anotações várias de Joaquim Ferreira Moutinho. É curioso é também referir que se há volume onde tenha ficado mais viva e comunicativa expressão da nunca desmentida caridade da gente do Porto, é esse: quer pelo fim que o determinou, quer pelas pessoas e firmas que para ele concorreram.

A respectiva comissão editora — que agrupou algumas das mais destacadas individualidades do Porto dessa época: professores, escritores, industriais, proprietários, comerciantes, etc. — expressamente declarou, no início, que o produto do livro, por desejo dos seus autores, seria generosamente oferecido ao Real Hospital de Crianças Maria Pia e à Creche de

S Vicente de Paulo, para fundo da sua escola. E para que fosse colhido o maior rendimento de tão meritória iniciativa, publicaram-se nada menos de cinco mil exemplares, graças à colaboração de tipógrafos, litógrafos, desenhadores e encadernadores.

No limiar dessa obra, que veio a público em 1887, foram impressas, a modos de legenda, estas palavras do grande orador sacro Rev. Dr. Alves Mendes:

«Fazer um livro para propugnar uma doutrina, pode ser a máxima das vulgaridades; mas engendrar um livro e distribuí-lo para suplicar uma esmola, é a mais prestigiosa, a mais edificante das surpresas».

Um mesmo desejo animou a actual direcção da Creche de S. Vicente de Paulo, ao comemorar-se o primeiro centenário da benemérita instituição. E assim, tendo solicitado, para dignidade e brilho das comemorações, a colaboração prestante de artistas, escritores e jornalistas, — acedendo todos a legendar, com páginas de evocação ou comentário, a data festejada — foi-lhe facultado, agora, reunir todos esses trabalhos no presente volume. Como acontecera em 1887, também foi possível, desta vez, «engendrar um livro e distribuí-lo para suplicar uma esmola».

O livro aí fica. Foi concebido, escrito e impresso Por amor das criancinhas — como o próprio título afirma e esclarece. Saibâm compreender a nossa intenção, recompensando, assim, a dedicação dos nossos amigos e correspondendo aos esforços dispendidos, todos aqueles — e são eles nossos amigos também — que baixam os seus olhos sobre estas páginas. Quanto façam em tal sentido, será ainda Por amor das criancinhas. E não é outro o fim que nos anima.

A DIRECÇÃO.

Meu querido Sr. Martins

Cabemos em peregrina de alto lá em
alla! O Montinho tem feito uma
boçiga com o livro que não ha de ser
& mais diga em materia de repalho
feito. E final, o novo livro não pesa
sa de um modesto aureol, mas possui
pochade e outros preciosos obras &
isto em retratos. Eu construo a idea
theatral das veras efiges, onde o ho-
mem, a parte a carreira intencional, e temo
lo como um burro... litterato, ou la
tem me entafado com cartas; e não ter
mais & pedir pede epigraphes. Que
deabs! epigraphes para a creche!
Livre o seu q'do me pede uma col-
lectanea de apophtegmas. Já se
que lhe apouhou o retrato. attente
em boa trancoria, meu caro Martins
afgrete-se em a carga de gloria e
honrante

Usem de
Camillo

Nesta carta que a gravura acima reproduz, Camilo, no seu estilo inconfundível, escreve a Martins Sarmento sobre o *Obolo às crianças*, o volume publicado com o propósito de colher donativos para a Creche.

(Documento dos arquivos da benemérita Sociedade Martins Sarmento, de Guimarães).



I N T R O D U Ç Ã O ,
P E L O
DR. ALBERTO PINHEIRO TORRES

Em Dezembro do ano findo completou cem anos de vida, a Creche de S. Vicente de Paulo, a mais antiga da Península.

O facto, memorável, foi celebrado com solenidade, mas com a simplicidade que requer uma instituição para crianças pobres que é sobretudo uma obra de amor, o coração e a fé associados para a lição da Creche, o Presépio, que foi o primeiro e o modelo de todos os presépios.

A benemérita Direcção da Creche de S. Vicente de Paulo quer — e muito bem — reunir em volume, o que então disseram alguns amigos e admiradores da obra, que tem tanto de alcance social como de Beleza.

E pediu-me umas linhas de introdução para um livro, — que vai reunir coisas preciosas e que convém que perdurem.

Senão vejamos.

Uma das suas preciosíssimas palestras quinzenais pelo Emissor Regional do Norte, foi consagrada à comemoração centenária da Creche.

Com a leveza do costume, com a graça de sempre, Magalhães Basto, historiador profundo e probo, mas que põe a história ao alcance de todos ensinando e divertindo ao mesmo tempo, conta-nos a história do «Óbolo às crianças», livro escrito, sob pseudónimos, por Camilo e Martins Sarmiento, cuja venda reverteria a favor da Creche e do Hospital de Crianças Maria Pia.

Ficamos sabendo que «o maior de todos», fez parte da primeira Direcção da Creche, que era imensa a ternura do seu coração — «o mais enternecido coração que eu conheço em peito de aço» — como escreveu Joaquim Ferreira Moutinho, continuador no solo por este benemérito e simpático instituto de seu irmão António Ferreira Moutinho, que, com João Vicente Martins, o fundador da Creche, bafejou o nascimento desta.

É edificante espectáculo este do génio — então em luta com tanta tortura, com tanta desgraça, com tanto desespero — ao serviço das criancinhas que precisam de auxílio. A sublime aliança do génio e da caridade — Dons de Deus, que transfiguram as almas e os povos!

O Mestre entendia que «de todos os nossos tesouros só levaremos para o outro mundo, a parte que neste tivermos dado».

O espectáculo dado em benefício da Creche foi precedido duma esplêndida alocução do Dr. António Cruz, Director da Biblioteca Pública Municipal, que já tanto lhe deve, escritor e jornalista, espírito cultíssimo, com a consciência da acção social e educativa que os intelectuais devem exercer.

Celebra António Cruz a obra grandiosa da Creche, a alma grande e generosa do Porto e a colaboração da caridade e da arte para assegurarem a vida da instituição, que se merece o louvor de todas as almas bem formadas, solicita a atenção dos artistas e dos poetas.

António Cruz em palavras belas faz o elogio do Professor ilustre a todos os títulos, o orador da festa, o Rev. Dr. José Augusto Alegria, que é dos raros que sabem

«debruçar-se na muralha do passado e auscultar os sons perdidos das suas grandezas».

Celebra também artistas, professores muito ilustres, António Oliveira Gomes e Henri Mouton, bem como o grande maestro que é Frederico de Freitas, na regência duma orquestra de arcos a que dão o seu prestante e obsequioso concurso alguns elementos da nossa querida Orquestra Sinfónica, desta cidade.

Linda e simpática abertura de uma hora de arte e caridade, que havemos recordar em toda a nossa vida».

A Conferência do Rev. Alegria, sob o título «Uma história e uma canção entoada no pórtico dum presépio centenário» é uma obra prima a que nada falta: talento em profundidade, cultura vasta e abrangendo vários ramos do saber humano, sentido da história, culto do passado, poder de crítica, perfume da poesia, sabor literário, vibração.

Depois da apoteose do primeiro e modelo de todos os presépios, e sua acomodação à Creche, fala-nos como vida e eloquentemente «das Cantigas de Santa Maria» (versos e música) do Rei Afonso X, o Sábio, todas consagradas ao culto e à glória de Maria.

Temos hoje um cancionero com mais de quatrocentas composições, todas com as respectivas letra e música, escritas na língua galaico-portuguesa, a língua dos trovadores, donde brotou a língua portuguesa das «Cantigas de Santa Maria», brotaram «dos espíritos, cristianíssimos» que naturalmente se preocupavam em não imitar nada que fosse apanágio litúrgico ou religioso dos seus piores inimigos, os árabes, a cujo nome toda a Península tremeu.

Este Rei sábio, era avô de D. Dinis outro altíssimo trovador, cujo cancionero à Virgem, de que fala Duarte Nunes de Leão, anda perdido.

A história das cantigas, tão sugestivamente contada pelo Rev. Alegria, segue a canção, revelação de um grande amor à Virgem Senhora Nossa, manifestado por várias formas — sonho de altura, sonho de beleza, daqueles

que sonharam os architectos de Chartres, Reims ou de Notre Dame.

E a canção que vem de longe, continua nos versos de Afonso X, como se recitados fossem no pórtico do presépio de Belém, à Virgem Mãe, que, abraçando o seu filho, abraça-nos a todos, porque a todo esse Filho veio oferecer a salvação.

E a admirável conferência termina com versos do rei trovador, Petrarca e de Dante, que cantam a

Vergine bella, che di sol vestita...

A missa, que fazia parte das comemorações centenárias, e que foi mandada celebrar pelos benfeitores da Creche, foi rezada pelo franciscano Frei Mário Branco.

Este religioso é das vozes mais eloquentes do Portugal de hoje. A elevação da doutrina reúne uma forma de expressão, altamente literária; ao saber teológico e filosófico associa uma vasta e profunda cultura geral; à piedade dá por companheira a poesia, a poesia do Evangelho, fonte inesgotável de inspiração.

Falando é um sacerdote e um artista; nele se verifica o que dizia um grande orador da antiguidade — eloquência é acção.

A Homilia, que então proferiu, e que foi muito apreciada, é uma eloquentíssima apologia da Creche, do seu profundo significado, das suas benemerências.

Exalta, em palavras belas, a lei do amor cristão, o amor vivo. A Creche de S. Vicente de Paulo — diz — é um clamor de vida, porque é obra de amor!... E para uma obra de amor cem anos é uma infância. É obra de amor, é obra de Deus.

Louvado ele seja pelos dons que seu amor despertou no coração dos benfeitores da Creche, e neles, benignamente realize suas promessas de eterna ventura.

Encerrou, com chave de ouro, as festas centenárias, o Dr. António Luís Gomes, grande amigo e benfeitor da Creche, insigne filho do Porto, funcionário superior que

ao Estado tem prestado relevantes serviços, como grandes são os serviços prestados à Fundação da Casa de Bragança. Inteligência poderosa, actividade prodigiosa, da mais elevada moral na família, na vida oficial e social, de trato primoroso e inexcedível delicadeza, o Dr. António Luís Gomes leu-nos um estudo exaustivo e de bellissima forma, sob este título magnífico — «*Regresso a S. Vicente de Paulo*» —, que é todo um programa de reconstrução.

Comovida a sua saudação ao Porto, aos que o ouviam e em especial às Religiosas Irmãs de S. Vicente de Paulo «que nos deram a honra singular de estar presentes».

Em seguida a estes cumprimentos, de tanta expressão e delicadeza, o orador levanta, diante da nossa intelligência e consciência a figura luminosa e querida do Patriarca da Creche, S. Vicente de Paulo. É uma admirável síntese das suas virtudes, apostolado «de sua acção no espaço e no tempo, que se desdobra em valor social».

Conta a seguir, ouvido sempre com o maior interesse, a história da Creche, exaltando o seu inesquecível fundador João Vicente Martins: a Creche no seu tempo e a do nosso tempo, apontando o edificante exemplo do Eng.º Ferreira Carmo, continuador da sua acção benéfica, pela sua Viúva, Senhora de grande intelligência e das mais altas virtudes.

Em períodos de grande elevação e compreensão do sentido da era actual — a era social —, e dos nossos deveres e responsabilidades.

O social não basta.

A obra perfeita é o regresso a S. Vicente de Paulo, luminoso artífice, da harmonia social em Cristo.

O social é insufficiente — o seu império tem de ser completado pela Caridade Cristã, de que S. Vicente de Paulo é um dos maiores apóstolos, que os homens têm conhecido.

E a oração magnífica termina por uma exortação tão comovida e tão eloquente, como cristã.

Aqui, neste livro, fica o testemunho das benemerên-

cias da Creche prestado por homens que pertencem ao escol de Portugal.

São inteligências cultíssimas, escritores, oradores, artistas, espíritos superiores, que nos assinalam as excelências do amor do próximo.

São personalidades, que honram o Porto, e o País, que nos apregoam que o amor é a maior força humana, inspiradora de obras de Deus, como a Creche.

São mortos e vivos que nos incitam a auxiliar uma obra que é humana e espiritualmente de uma transcendência moral e social, que a razão, o coração e a fé tornam imensa.

H O M I L I A

PELO

REV. MÁRIO BRANCO, O. F. M.

Sabe extraordinariamente bem esquecer, ao menos durante breves instantes, a fealdade do mundo hostil, não forçar os olhos à contemplação de tanto egoismo estéril e cair de joelhos, no degrau dum altar donde irradiava o mais puro dos amores, a sufragar os Benfeitores duma Obra enternecedora — desta Creche de S. Vicente de Paulo que celebra, hoje, o primeiro Centenário da sua vida.

Não que o tempo fugaz possa conter o amor; o amor é tão grande que se não mede pelos séculos, sobreexcede-os. Todavia, a cem anos de distância, o sonho de bem que fez nascer esta bela instituição recorta-se em mais nítida perspectiva.

Durante cem anos, no tumulto desta cidade operosa, cujos filhos prezam a glória do trabalho e se ufanam da nobreza dum carácter libérrimo; durante cem anos, esta Obra se mantém, apagada e luminosa, humilde e magnífica; como se fosse delicada flor, teimosamente primaveril no desalento de todos os invernos, a Creche se mantém, como latejo de coração que nem as sirenes

das fábricas nem a vertigem do movimento trepidante conseguiram sobrepujar.

Quem poderá dizer, cantar, as penas e a dedicação, o sonho magnânimo e a realidade martirizada de que falam estas paredes, unguidas de ternura? A visão de João Vicente Martins, fundador da Creche e a generosidade de Ferreira Carmo, instituidor do Patronato e a grandeza de espírito de D. Maria Rita da Conceição «para o benfazer do dia, esmolando de noite»; e a solicitude, digna de todo o encómio, credora do comum reconhecimento, de todas as Direcções; e a emocionada gratidão das Mães que, no âmbito de quatro gerações, viram os muros dum tugúrio imundo ou o desconforto duma casa pobre alargarem-se nestas paredes altas, banhadas de sol; quem poderá cantar a epopeia do amor abnegado e sublime? Quem — senão o sorriso daquelas crianças alegres? E no sorriso das crianças (se Deus fala pela boca das crianças, também no seu rosto há-de sorrir...), o sorriso do próprio Deus!

Eu vim, gentilmente convidado, generosamente lembrado, a fim de pronunciar uma palavra cristã na festiva comemoração duma Obra cristianíssima. E a minha palavra não será mais — e é pretender tudo! — que distante, esmorecido eco da Eterna Palavra, a renovar a essencial e grave afirmação: o amor é a lei suprema da vida!

Do amor se ergue e no amor se compendia toda a construção do Evangelho.

E o mundo, agora como sempre, será melhor ou pior na justa proporção em que aceitar ou recusar o amor vivo.

Porque nós somos irmãos! E se as flores, baloiçadas pelo vento, se acariciam, na sua vegetal insensibilidade — como não interessarmo-nos uns pelos outros, agitados pelo vendaval duma origem e dum destino iguais?

E se as entranhas se nos comovem ao vermos, arrulhando gemebunda, a pomba a que mão criminosa

quebrou uma asa — como não chorar com os que choram, como não tentar o impossível para vestir de alegria os rostos tristes das crianças que sofrem?

A Creche de S. Vicente de Paulo é um clamor de vida porque é uma Obra de amor.

E há cem anos ela se mantém! Quando, no aconchego dum lar, é ruidosamente festejado o centésimo aniversário dum ser querido, de rosto carinhosamente enrugado e cabelos purificadamente brancos, adivinham-se mágoas por sob o entusiasmo dos brindes... Cem anos, para o curso normal da vida é o fim inevitável, o fim iminente. Aqui, não! Para uma Obra de amor, cem anos representam a primeira infância.

Lance um olhar de bênção por sobre a Creche, menina centenária, seu Patrono bendito; que dele muitos aprendam a Caridade heróica — olhos fechados a todos os defeitos, braços oferecidos a todas as misérias, coração atento para acolher todos os infortúnios; ele inspire, a quantos aqui desveladamente trabalham, a ânsia de distribuírem às criancinhas não o «pão partido em pequeninos», mas o próprio coração, partido em pequeninos... que amar é dar-se!; ele acorde nas consciências o dever glorificante de sacrificarmos o nosso capricho às necessidades dos irmãos carecidos de auxílio; e, por sua intercessão, a Creche perdure e prospere!

Ela é indispensável ao Porto, cristão e dadivoso, para que todos tenham ao alcance da mão a possibilidade de benfazer; para que não soe a mentira ou a ironia de comício o protesto de que os naturais desta cidade primam pela generosidade de sentimentos.

É aos pés de S. Vicente de Paulo, cuja paternal effigie preside a este altar, protegendo a sua Creche, que louvaremos a Deus. Por S. Vicente de Paulo e pelas almas bondosas, a Creche é Obra de Deus!

Louvado Ele seja pelos dons que Seu Amor despertou no coração dos Benfeitores da Creche e, neles, benignamente, realize suas promessas de eterna ventura!

Louvado Ele seja na firme esperança de que em

mais espíritos se ateará a chama sagrada, na jubilosa esperança de que se há-de tornar a comemoração deste Centenário festivo em afervoramento da tradicional bondade desta mui nobre, leal e invicta Cidade do Porto, d'ora-avante mais carinhosamente debruçada sobre a sua amorável Creche de S. Vicente de Paulo.

C O N F E R Ê N C I A

P E L O

DR. ANTÓNIO LUÍS GOMES

Honra excelsa e prazer inefável é para mim ser chamado a falar nesta casa, a centenária creche de S. Vicente de Paulo dia a dia rejuvenescida pelas crianças que agasalha e se sucedem numa teoria interminável pelos tempos fora.

Dia a dia, também esta casa, materialização de uma generosa concepção de amor de próximo, se enriquece, pela compreensão daqueles que a ajudam e pela dedicação total de todos que a servem.

Falo, sentindo-me mensageiro do agradecimento sincero e caloroso de tantos que sabem e sentem quanto *é para todos nós*, uma obra como esta, aparentemente erguida para os pequeninos que directamente aqui encontram agasalho, conforto, alimento e preparação para a vida.

Mensageiro sim, de louvor e gratidão aos dirigentes de hoje que não querem outros pergaminhos quando aqui trabalham do que o título de auxiliar da creche e honrar a tradição de dedicação total dos que os antece-

deram num render da guarda que nem por ser voluntário é menos imperativo e disciplinado.

Mas participante, também no amor pela creche, no desejo de a servir e no anseio de a ver aumentada e compreendida!

Trago-vos, além desta mensagem e de certo modo como justificação da minha presença e do alvoroço com que recebi o vosso convite, o testemunho de uma acção irmã desta que vos enaltece, vivida por mim próprio, noutros meios e por outras formas.

Caminheiros, afinal, somos todos na estrada da Vida, animados pelas mesmas ideias fraternas de amor do próximo, sem cansaço, guiados por um ideal sublime e fortalecidos pela nossa fé ardente.

Obrigado meus irmãos e meus Senhores, pelo chamamento. Obrigado pelo enternecido comentário à minha vida que só se assinala por ser igual à de todos que trabalham — mais e mais — querendo servir a Pátria, sofrer pela Família e amar o próximo como a si mesmo.

Como estou alegre e comovido por ter de falar na querida cidade do Porto, de uma das suas mais belas expressões humanas — o exercício da caridade!

A cidade do Porto — a Invicta — invencível pelo seu amor ao trabalho, pelo apego às suas tradições familiares, pelo seu amor à Virgem sua Padroeira, antes de o ser de Portugal!

Eu te saúdo, reverente e entusiasmado, agradecido e esperançoso, nas pessoas ilustres das suas altas autoridades civis e militares e das autoridades máximas na ordem espiritual e cultural o nosso Bispo e o Prelado Universitário.

Mas o meu coração pede-me, também como em acto de confissão, uma palavra especial, de respeito, de enternecimento, de devoção fraterna para as Religiosas Irmãs de S. Vicente de Paulo que nos deram a honra singular de estar presentes.

Dirigentes do Asilo de Gandarinha, freguesia de Couto de Cucujães, obra admirável fundada pelos Condes

de Penha Longa há longos 76 anos, aí exercem um cristianíssimo e humaníssimo apostolado — silenciosamente, com fortaleza de ânimo, com uma esperança iluminada e aquecida pelo próprio bem que espalham e pelos frutos que ofertam à Sociedade.

As Irmãs do Asilo, como o povo as conhece, e que me habituei a ver passar, em criança, com os seus trajés característicos e tão lindos, com a minha mão na mão de meu querido Pai que me ensinou a respeitá-las e a querer-lhes muito. Foi meu Pai que em 1910 teve a felicidade de concorrer decisivamente para que não se abrisse uma injusta solução de continuidade numa obra familiar de fazer bem que já mostrou poder sobreviver vitoriosa, mesmo que para isso tenha de enfrentar convulsões, vicissitudes e dificuldades espantosas!

Falar de S. Vicente de Paulo, Monsieur Vincent que quis ser toda a vida, meus Senhores, é certamente tarefa impossível para abordar numa palestra, tão vasta é a sua obra de bem fazer, tão completo e largo o seu apostolado.

Mas a dificuldade não se apresenta menor se quisermos tentar fazer algumas sínteses expressivas dos passos mais curiosos e cintilantes da sua vida quando passou por este mundo.

Seria melhor recomendar a todos e eu próprio não me excludo — que leiam a história da sua vida nas páginas dos seus notáveis biógrafos «Henri La-vedan, da Academia Francesa» Mr. Bougaud «Histoire de Saint Vincent de Paul, «Les Plus familiers dos Saint Vincent de Paul» e quantos outros!

São páginas muito bem escritas e admiráveis de observação sem dúvida, mas o que nos prende e subjuga, conquista e comove é a própria vida do Santo, é a santidade da sua vida humana.

Este traço saliente da impressão que me ficou

da leitura destas páginas desejaria saber revelá-lo falando alto.

Este sacerdote que nos primeiros anos do século XVIII atravessava sem cessar as ruas de Paris, com vestuário grosseiro e a sotaina remendada impressionava a quem nele demorasse o olhar.

A sua expressão era humilde, simples e bondosa! No entanto era um homem extraordinário e num século que foi para a França fecundo em grandes génios e em grandes santos!

Dele se disse com inteiro rigor, que o seu nome passou a ser sinónimo de Caridade!

Foi tão grande que a revolução de 89 que desrespeitou, até à última violência, numerosos sacerdotes, ergueu-lhe uma estátua.

Para a sua maneira de ser contribuiu, estou certo, a sua origem; nascido numa pequena aldeia de uns 800 habitantes, filho de pequenos lavradores, o terceiro de seus irmãos; o Pai pessoa honesta, a Mãe piedosa.

Foi baptizado numa Igreja arruinada, pobresinha, e numa Igreja como esta, foi pároco, pela primeira vez, e o seu primeiro acto, antes de cuidar das almas, foi restaurá-la!

Nestes simples factos, os primeiros da sua biografia está, meus Senhores, a raiz da sua Santidade e a sua Glória.

Nestes factos e nas suas raras qualidades de bom senso, de sentido das realidades a juntar às suas virtudes, e ao seu desprendimento pessoal!

Dava tudo, não guardava não reservava nada para si!

Já em criança ia dando pelo caminho a *farinha* que o mandavam buscar para casa!...

Nestas atitudes simples, espontâneas, de uma bondade inocente se revelava aquele que São Francisco de Sales chamava o Sacerdote mais Santo do seu século.

Mas ao mesmo tempo que nele residiam estas virtudes máximas, de fazer bem sem olhar a quem e desa-

pego total dos bens terrenos — Assim foi Cristo nos trinta e três anos da sua vida terrena. O Senhor Vicente era firme e criterioso, resoluto e sagaz. Nele residia, também, a vocação do apóstolo realizador e superior espírito de organização.

Foram estas qualidades que os grandes da terra lhe reconheceram e o próprio Rei da França aproveitou. E ei-lo no caminho da salvação das crianças pelos cuidados materiais, do tratamento dos doentes, do amparo dos inválidos, da regeneração dos presos pelo trabalho.

As suas obras neste aspecto magnífico da sua actuação estão representadas nas Conferências, nos Hospitais, nos Asilos, nos albergues nocturnos para o que se pode chamar a *hospitalidade da noite*, nas creches, na revisão do regime odioso dos encarcerados!

A primeira associação de caridade criada por S. Vicente de Paulo que subscreveu o seu regulamento, tem a data de 12 de Dezembro de 1617.

Era a primeira vez que se organizava ao domicílio a visita aos pobres e doentes.

Na sociedade — trabalhou como um animador de génio, um construtor de gente de amanhã, um recuperador de consciências aviltadas ou esquecidas.

Para Ele a Glória no Céu, caldeada no sofrimento íntimo de nem a todos chegar a sua palavra, o seu amparo, o seu aviso, no próprio sofrimento físico que procurou quando quis viver nas Galés e chumbou à sua perna, a grilheta infamante, n'Ele sinal de presença divina, uma das chagas de Cristo.

Também mais tarde, a outro iluminado, louco de amor, por Jesus e servo dos homens para mitigar esse amor, — S. João de Deus — português de Montemor-o-Novo — quando na cadeia enxugava as feridas aos encarcerados, cuja sorte abnegadamente quis compartilhar, Jesus substituiu-se a um dos *miseráveis* para lhe exclamar — João o que a eles fizerdes a mim o fazes. E a cadeia abjecta ficou longo tempo envolvida num clarão deslumbrante.

A expressão pictórica deste passo de vida sobrenatural de S. João de Deus, contravertido e provado no seu processo de canonização figura na Igreja sob a sua invocação que se está a erguer numa das mais modernas e belas praças de Lisboa.

O estudo desta belíssima obra de arte do mestre Domingos Rebelo, incomparável intérprete da vida religiosa porque como Frei Angélico pinta de joelhos fica de hoje para sempre nesta Casa — a recordar aos que a dirigem e nela labutam que é para Jesus que trabalham!

Prodigiosa acção no espaço e no tempo a do Senhor Vicente que se desdobrava ganhando em valor social.

Mas a tudo sobreleva a meu ver, e comigo estão sei-o bem, as boas mãos que me escutam, a obra de recolha de crianças, à noite pelas ruas de Paris, quando arrancava de certeza à morte, ao completo abandono ou à ignomínia tantas e tantas, crianças esfomeadas, rotas, febris — chamava-as a si, abrigava-as na sua capa — essa capa que lhe deixou S. Martinho outro seu irmão na Santidade.

Como de todas as coisas grandes, a história desta creche é simples e num país fortemente individualista como é o nosso, o novo estabelecimento de caridade que surgia é principalmente obra de um homem, João Vicente Martins que fez tudo para a fazer vingar — propaganda, proselitismo, sacrifícios!

Viajado, culto e atraente serviu-se das suas qualidades pessoais para fazer vingar a sua ideia e erguer esta obra.

Mas a todas as suas grandes qualidades pessoais tinha para mim esta que adquiriu por contágio — era português do Brasil!

Nesse grande País, obra prima da nossa expansão no mundo e modelo de organização administrativa e política para se formar uma Nação unida pela lingua-

gem e os interesses na ordem espiritual e material, quanto português revela todas as suas extraordinárias qualidades de adaptação ao trabalho, de sentido colectivo e humanitário!

Em todo o século XIX e nos primeiros 20 anos deste, o desenvolvimento material e espiritual nas terras do norte de Portugal é em grande parte devido a estes admiráveis portugueses que enquanto estão no Brasil deixam cá o coração e quando regressam encontram em si próprios todas as ideias generosas do mais elevado espírito colectivo que a prática da vida ajuda a realizar.

Pode-se até dizer nesta época em que se recorre à economia dirigida como meio de melhor servir e defender o interesse colectivo que o norte do País vive há mais de cem anos designadamente no Porto em matéria de assistência, no regime de assistência dirigida. Dirigida por aqueles que são dádivosos e não pelos que administram, entenda-se!

Mas só por si não podia João Vicente Martins levar a cabo esta obra e legá-la à posteridade.

A obra vingou porque correspondia a uma necessidade de ocasião, que designarei por comodidade de expressão, de necessidade sentimental.

Sim, a creche no mundo que surgia, reagindo da deliquiescência dos costumes e da futilidade da vida dos senhores de fortuna ou de posição do século XVIII, representava uma necessidade para melhorar a situação das criancinhas que viviam — não — que morriam à míngua de cuidados e meios materiais.

A Creche foi a reacção sentimental das pessoas sensíveis à situação de verdadeiro morticínio a que estavam expostas, por inúmeros perigos, as crianças de gente pobre. Serviu, também para ajudar positivamente, a mulher que a dureza da vida obrigava a abandonar o lar para ganhar o pão nosso de cada dia.

Lembrem-se que os melhores hospícios de crianças, asseverava Michelet eram verdadeiros cemitérios.

A mortandade infantil excedia, como regra, nas grandes capitais da Europa mais de 30 % .

Esta situação existia ainda em 1884!

Em Portugal, a exposição das crianças abandonadas, às portas das Igrejas, principalmente, era diária e as Rodas dos Expostos de Lisboa e Porto, as principais, a que acorriam ainda as crianças de outras terras, viam a sua população aumentar assustadoramente e a mortandade atingia cifras que não se têm sem calafrios.

(Alguns números oficiais da Roda de Lisboa: Anos de 1781-82 1.440 exposições, 801 falecidos — 1794-95 1517, e 1.010 — 1810-11, 1785 e 2.005, — 1833-34, 1.707, e 2.193 — 1845-46, 2.319 e 1.387).

Nem admira ter observado o piedoso e culto Sacerdote Dr. Abel Varzim, actual Pároco da freguesia da Encarnação a que pertencia a Roda, que as relações desta com a Igreja se sentiam através do registo dos óbitos — morrer, era nas Rodas, a palavra de ordem!

A nossa creche de S. Vicente de Paulo encontrou o terreno sentimentalmente preparado para germinar a semente do bem lançada pacientemente pela mão benfazeja de João Vicente Martins.

Ao seu lado para a semente não se perder teve as Majestades, nas pessoas augustas de El-Rei D. Luís e Dona Maria Pia, a pessoa sagrada do Venerando Bispo Dom Jerónimo, seu primeiro Protector, a outra Majestade de que falava D. Pedro II do Brasil ao ser apresentado aos netos de Victor Hugo, o Génio, na figura imortal de Camilo Castelo Branco, os honrados negociantes da nossa praça que representavam o capital ao serviço da colectividade e o povo, capital humano impermeável à desvalorização.

Mas basta encarar e manter esta casa de assistência por razões sentimentais? De modo algum!

A creche tem de servir e pode constituir um importante instrumento económico-social na medida em que

remedeia a ida para o trabalho das mães que precisam deixar o lar para grangear o sustento e ainda na medida em que dá ao Pai a reconfortante certeza de que os seus filhos recolhidos, serão mais fortes, alegres e sadios.

É esta a nova razão de ser da instituição que nas circunstâncias prementes do meio económico vai encontrar mais um motivo e estímulo para sobreviver.

Mas outra missão se pode acrescentar às creches justificando e fortalecendo mais ainda a sua existência.

É a que se filia naquela disposição do art.º 8.º do seu primeiro regulamento — a criação da escola elementar primária para as crianças dos 4 aos 6 anos.

Não basta, exactamente porque a sua matéria prima viva são seres humanos, recolhê-los, agasalhá-los e alimentá-los.

É preciso rodeá-los de outros cuidados, os que respeitem à sua preparação para a vida: A educação infantil até à idade escolar e depois a dos cursos profissionais preparatórios.

A Creche já deu o passo em frente mercê da última vontade tão inteligente — como altruista, do Engenheiro Ferreira Carmo que sua mulher, Senhora das mais altas virtudes, e grande inteligência e cultura, quis cumprir por um impulso do coração.

A atitude desta Senhora cumprindo com fidelidade e larguesa, a vontade não escrita de seu marido é uma lição de moral e demonstra que é ainda o coração o melhor cofre para guardar uma decisão da última vontade do que partiu primeiro.

Quero-me referir ao Patronato já a funcionar, que é mais uma janela nesta casa aberta para o mundo, e uma certeza para os Pequenininhos do dia que vai alvorecer!

Em matéria económico - social o nosso tempo pode designar-se na História da Civilização como a Era do Social, tão ponderosos e exigentes se apresentam no meio em que se vive os elementos desta natureza.

O homem, em economia é cada vez mais social mesmo quando faz por ser insociável...!

É social no significado de que pertence à sociedade porque não pode viver isolado e a sociedade morreria se não conseguisse enfrentar e dominar a tendência exclusivista para cada um viver por si e bastar-se a si próprio.

O homem, unidade no seu país, a nação, unidade no mundo.

Apesar das paixões, das lutas cruéis, das fronteiras, reminiscência dos fronteiros vigilantes, de todas as cortinas, o mundo pertence cada vez mais porque tem de ser assim, a de todos e não é de nenhum isoladamente.

Sentem-no os que governam e os governados, por reflexão e sentido das realidades, que a população de um País corresponde cada vez mais neste transe, à tripulação de um navio em momento de perigo em que perdidos os meios individuais de salvamento, ou se acode a todos ou a nenhum.

Triunfo do social, consequentemente!

Triunfo do Social?! Não o creio.

Criou-se o sistema legal; era necessário. Estabeleceram-se normas, organizou-se uma hierarquia, aprontou-se a fiscalização.

No ponto de vista formal tudo está certo e decorre com regularidade.

Os institutos, as organizações estaduais e particulares, os interesses trabalham disciplinadamente.

Dão o concurso que se lhes exige mas reservam quase sempre a sua disposição de colaborar familiarmente.

É um trabalho funcional regrado e legalista que se consegue mas aquele que o executa está ausente.

Façámo-lo regressar!

Regressará com S. Vicente de Paulo, depositário da sua alma.

S. Vicente está no seu elemento em contacto com os humildes que trabalham, animando os afortunados e poderosos que o compreendem, ao serviço de todos sem distinção, luminoso artífice da harmonia social em Cristo.

Do alto da grandeza sobrehumana da sua Bondade anuncia-nos a sentença que acatamos — a insuficiência do social por si mesmo e o seu império quando completado pela Caridade Cristã.

Na Terra todos por um, um por todos, legenda sublime que não envelhece, acto positivo do novo mandamento de Cristo Deus — amai-vos uns aos outros!

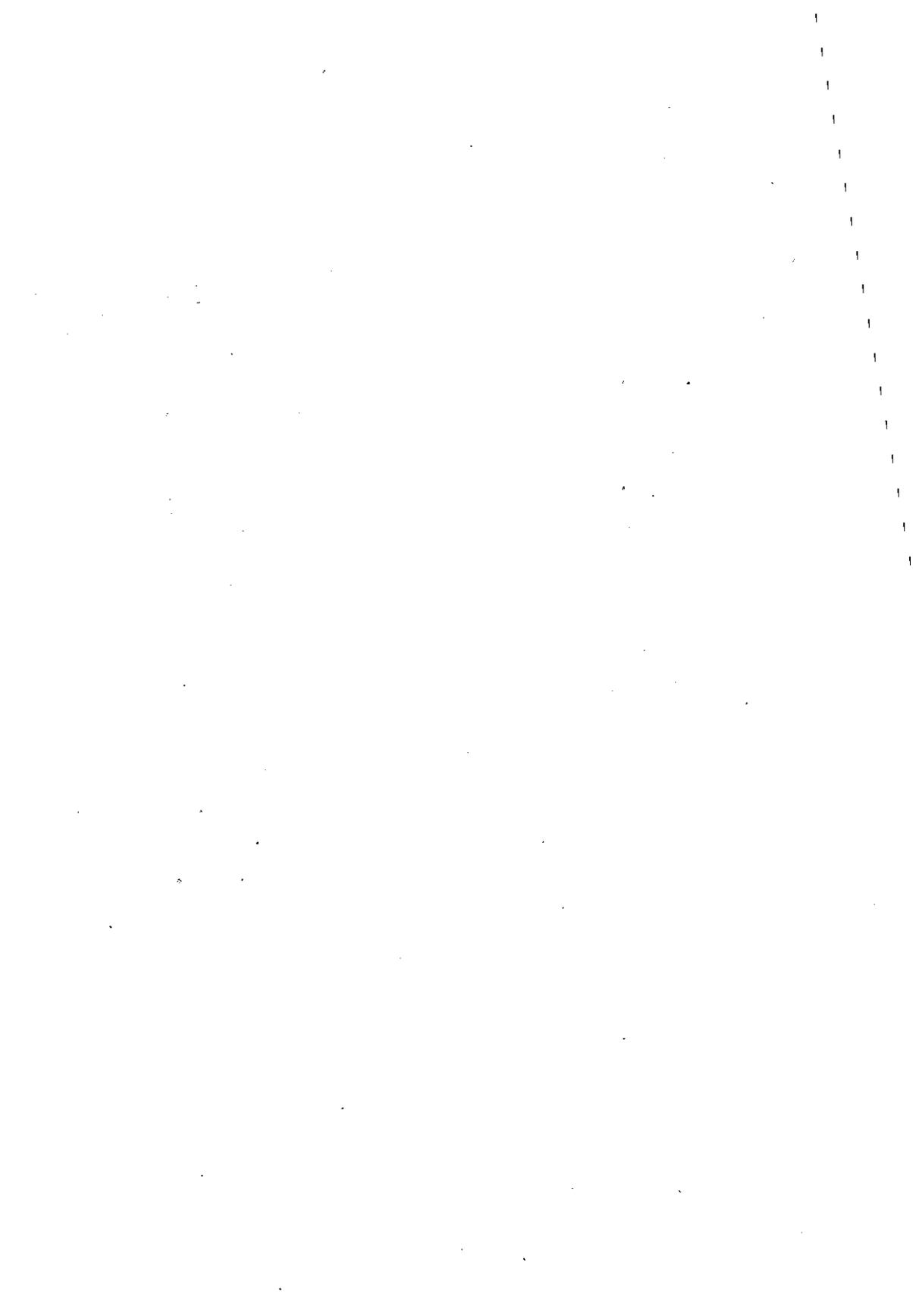
Cheguei ao fim da minha confissão; incerto e hesitante quando comecei mas firme e resoluto as desdobrar-se aos meus olhos deslumbrados a vida sem par de S. Vicente de Paulo. Fiei ao lema de que nunca abandonaria o que tinha começado, absorvido pelo dever do dia a dia, toda a sua vida se sujeita a esta disciplina moral «Je fais ma unée».

É o santo mais firme e perfeito do — «Faz o que fazes».

Sigamo-lo! Ouvi o seu mandamento na hora derradeira: Da vantagem — mais, mais ainda. Pela imposição das circunstâncias, pelo estímulo das preocupações e dificuldades, pelo enternecimento de uma esperança na felicidade que não morre em nós!

Que o delírio do Santo ao morrer, seja a realidade eterna do dia de amanhã.

Tenho dito.



A L O C U Ç Ã O

PELO

DR. ANTÓNIO CRUZ

O programa das breves horas que hoje nos é dado viver aqui não inclui o número extra de que eu, pobre de mim, sou o comparsa, em obediência cega à voz da amizade e à voz da gratidão. Mas numa tarde como esta, por inteiro dedicada à caridade e à arte, que são irmãs gémeas, mal parecia que não fosse proferida uma palavra, embora simples, de reconhecimento e de apreço. É essa a missão que me cabe.

No ambiente mais apropriado que é o desta sala onde vai decorrer a festa de hoje, tudo nos fala daquele Porto de há um século, daquela época em que foram lançados os fundamentos da obra grandiosa da Creche de S. Vicente de Paulo. Cerradas as portas das suas lojas e dos seus escritórios, aqui se juntavam os burgueses do tempo e aqui se cultivavam e aqui se distraíam, no convívio com os maiores artistas seus contemporâneos. E não poucas vezes, ao fazê-lo, os bons dos comerciantes do Porto concorriam, embora de modo indirecto, para a fundação ou sustento de instituições de caridade.

A Creche viveu sempre por obra e graça da alma

grande e generosa da cidade e também pelo favor prestado dos artistas da nossa terra. A arte e a caridade encontraram nela o seu lar carinhoso, ao longo de todo um século.

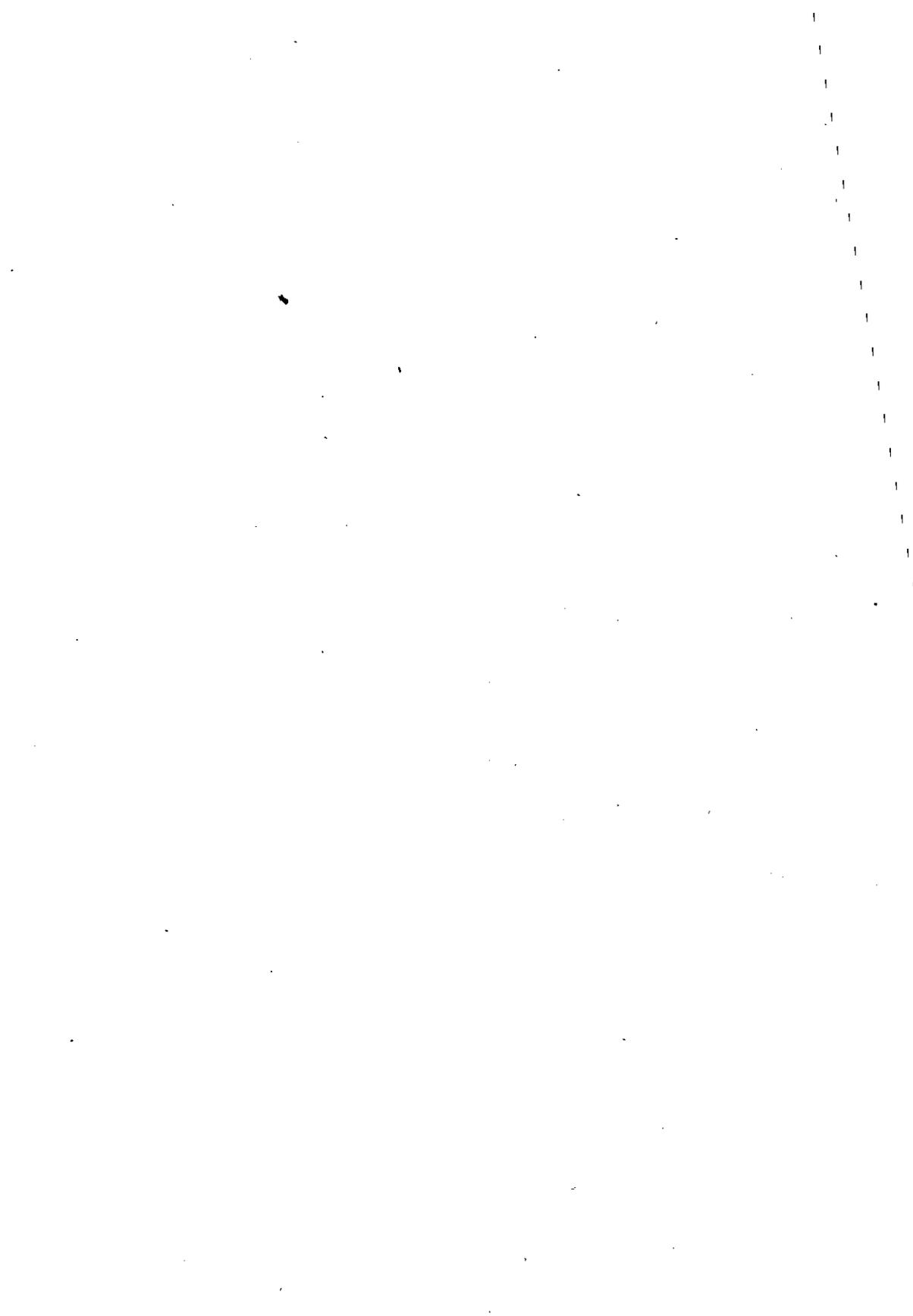
Uma e outra se afirmaram ali como filhas dos mais generosos e mais elevados sentimentos. A Creche não é mais do que o eco dessa harmonia de sentimentos, repercutindo-se através de todo um século.

Revivendo essas grandezas passadas, dão-se hoje as mãos a arte, a erudição e a caridade, como que no propósito firme de reafirmarem seus direitos e proclamarem o seu reinado. Ao serviço da Creche, por inteiro devotados à sua obra, hoje nos trazem alguns artistas e um douto investigador a magia das suas interpretações. E assim, vamos ouvir um professor ilustre a todos os títulos, o Rev.º Dr. José Augusto Alegria, que é dos raros que sabem debruçar-se na muralha do passado e auscultar os sons perdidos das suas grandezas. E também nos é dado apreciar e aplaudir, naquelas interpretações de que eles detêm o segredo, Professores também muito ilustres como António Oliveira Gomes e Henri Mouton e bem assim esse grande Maestro que é Frederico de Freitas, na regência duma Orquestra de arcos a que dão o seu prestante e obsequioso concurso alguns elementos da nossa querida Orquestra Sinfónica do Porto.

A palavra de reconhecimento e de apreço que lhes é devida e estas criancinhas desejam expressar-lhes, a mim me cabia proferi-la aqui. Chegado a este ponto, recuso-me, porém, a fazê-lo. Assim como seria estultícia tentar apresentá-los, também julgo que todos os colaboradores da festa de hoje haviam de sentir-se magoados, se houvera o propósito de lhes louvar o seu gesto benemerente. É que os seus nobres sentimentos, expandindo-se por este modo, são ditados pelo seu grande coração. E quando assim acontece, espera-se uma só recompensa, que é a consciência do dever cumprido.

Cabe aqui, no entanto, uma palavra ou um gesto de aplauso. Porém, ao querer manifestar-me assim,

entendo que o não devo fazer neste lugar. Quero confundir-me com a multidão dos admiradores dos artistas que dão o seu concurso à festa de hoje. E para isso nada mais me resta do que abandonar este lugar e poder assim viver, com V. Ex.^{as}, estas horas breves de arte e de caridade, que havemos de recordar em toda a nossa vida.



C O N F E R Ê N C I A

P E L O

REV. DR. MANUEL ALEGRIA

Minhas Senhoras e meus senhores:

Ao ver-me perante tão distinto auditório, envolvido em ambiente de tanta solenidade, sinto-me tão apoucado naquilo a que venho, que me dá vontade de fazer minhas as palavras de Mestre Gil na câmara real de D. Maria:

...,si yo tal supiera
no veniera,
y si veniera, no entrara,
.....

Mas vim, entrei e já agora terei que dizer da minha justiça. A um convite de Sua Ex.^a o senhor Dr. António Luís Gomes nunca puz qualquer entrave; e da minha insuficiência tenho procurado sempre tirar forças que bastem, pelo menos, para não desmerecer

completamente das provas de confiança que Sua Ex.^a me tem manifestado por variadíssimas vezes.

Por isso me considero aqui como um exilado que cumpre uma pena, se bem que gostosamente; e para efeitos de aplausos ou protestos eu declaro-me a salvo do que venha a acontecer referindo a responsabilidade integral da minha actuação nesta data festiva para a nobre cidade do Porto, a sua Ex.^a que aqui me trouxe.

Mas, a que venho eu lá de tão longe, com credenciais tão chãs e modestas, trazendo somente nos meus olhos o espectáculo sempre velho e sempre novo das renovadas batalhas entre a luz e as sombras que em correrias loucas pela planície heróica, se atropelam e se confundem nas alturas; prélio de sangue e de agonias que só termina quando o sol se afunda no lago imenso que é a terra campã. Mas trago também na alma o eco profundo das cavalgadas cristãs, cavando sulcos de heroismos dantescos de castelo em castelo, fechando lá em baixo o círculo luminoso da nossa independência tão auspiciosamente encetado aqui neste velho burgo debruçado sobre o Douro que é a cidade invicta, o Porto. Não trago nada mais e bem pudera nem sequer começar se não soubesse que há sempre uma oportunidade e há sempre qualquer disposição para se ouvir uma história e entoar uma canção. A isto venho.

Será porém este o ambiente próprio para realizar aquilo a que me proponho? — Sim, minhas senhoras e meus senhores, pelas razões que passo a expôr.

Celebramos nós o primeiro centenário da creche de S. Vicente de Paulo desta cidade do Porto. E que coisa é uma creche? — Um presépio, traduzindo do francês para a nossa linguagem. E quais são os personagens do Presépio, daquele Presépio que foi o primeiro e o modelo de todos os presépios?

A primeira figura é, sem dúvida, uma Criancinha. Quem é a primeira figura do presépio da rua Gonçalo Cristóvão e que lhe dá a razão de existir? — As criancinhas. O número não altera a essência da semelhança.

A segunda figura é a Mãe. Ei-la aqui representada pelas dedicadas Senhoras que, na esteira de S. Vicente de Paulo, realizam o esforço de vigiar nos pequeninos seres que lhes foram confiados, o crescimento dos corpos e o crescimento de Jesus nas almas. Também aqui o número não altera a essência da semelhança. A terceira figura do Presépio é S. José, o Pai adoptivo. E regozijo-me por ver tão grande Santo, aqui representado de maneira tão expressiva. Que sois vós, os protectores desta obra, os que, de qualquer forma contribuís para que às criancinhas nada falte? — Sois os pais adoptivos da infância desvalida. Como vedes, os personagens essenciais do Presépio estão aqui representados. E ainda aqui, o número não altera a essência da semelhança.

Mas o presépio não foi só isto. A apoteose das estrelas tecendo um hino triunfal ao Verbo de Deus feito carne, juntaram-se naquela noite vozes de anjos e vozes humanas; e as vozes humanas eram vozes de pastores, temperadas com o leite dos rebanhos e com o mel silvestre. Também eles, na sua simplicidade e na comoção daquele grande abandono, lá foram ao Presépio, misturando os seus cantares com os sons rústicos das suas flautas campestras.

Vamos a Belém
Beijar o Menino
Filho de Maria
O Verbo Divino.

Faltava neste presépio, que é a Creche da Rua Gonçalo Cristóvão desta cidade, um pastor, para completar o quadro na comemoração centenária desta obra que é mais uma prova da proverbial generosidade dos habitantes desta terra, o Porto. Mas os pastores, pouco mais sabem fazer do que contar histórias e entoar canções. Farei eu de pastor e contarei a história e entoarei a canção.

Mais feliz do que Mestre Gil, consola-me
poder dizer:

Quedáronme allí detras
unos treinta compañeros,

que não são como eu

porquerizos y vaqueros

nem penso lembrarão de lhes

mesar las greñas
Los rascones al entrar.

E vamos à história que começa assim: Era uma vez um Rei que amava a Virgem Maria, e a Ela mais do que a outrem entregara os melhores affectos da sua alma e do seu coração. Esse Rei, escreveu, em meio de tribulações sem conta, muitos versos; e compôs muitas músicas para esses versos, tudo destinado ao culto e à glória da Mãe de Deus.

Estes versos e estas músicas andaram esquecidos por longos e muitos anos até que de novo vieram à luz do dia trazidos por homens estudiosos de várias ciências a que chamam filólogos uns, musicólogos outros. O seu autor chamara à sua obra *Cantigas de Santa Maria*. Tudo dissera o Rei no nome que lhe deu: Objecto é fim.

Mas os homens, impressionados por outros amores, esqueceram os versos e as músicas daquele Rei que foi chamado, por antonomásia, o Sábio, porque lhes parecera ter encontrado o caminho duma libertação que se espera sempre, duma felicidade que não deixa de ser sonhada jamais. Era a época que foi crismada de Renascença e a que Imbart de la Tour chamou com maior rigor Reacção. Como se alguma geração pudesse dispensar o esforço da geração que a antecedeu!

«Espessa noite gótica» era a expressão de Rabelais querendo referir-se à época medieval a que pertence o grande Rei Trovador da história que vimos narrando.

Gótico sinónimo de bárbaro era definição que servia a Rafael Sanzio, para menosprezar a arte da Idade-Média!

Mas não foram só os versos e músicas de Afonso X, era este o seu nome, que andaram esquecidos, sofrendo injustamente tal vexame. Também a *Divina Comédia* de Dante, essa «catedral completa da base à cúpula», (Stefan Zweig, *Encontros*, 3.º vol. pág. 138) foi considerada velharia sem interesse. Também as Rimas de Petrarca, essa exaltação poética do soneto, colunata gigantesca de velho templo gótico, perdeu o valor para os homens naquilo que lhe era mais íntimo e que vem claro logo no primeiro soneto:

...e'l conoscer chiaramente
che quanto piace al mondo é breve sogno.

A Suma de S. Tomás que é a síntese mais perfeita e única até hoje, do pensamento humano, todos sabemos quanto desceu no conceito dos homens. Nem as agulhas atrevidas da catedral de Chartres, fendendo o espaço no delírio da matéria que sobe para se espiritualizar, se furtaram à incompreensão de algumas gerações.

Que admira portanto que aqueles versos e músicas, passassem ao rol das coisas esquecidas!

Eu sei que os versos de Afonso X, não alcançam a ressonância cósmica daqueles monumentos graníticos que são, apesar de tudo, a expressão da Poesia, do Bom Senso e da Geometria. Mas também sei que os completa e integra na vivência total daquele longínquo século XIII.

Ao lado dos tercetos de Dante, fica bem a ingenuidade requintada das Cantigas; ao lado das composições rebuscadas dos motetos do tempo e dos rondós de

Adam de la Halle, valorizam-se as bem proporcionadas melodias que o Rei compôs ou seleccionou. Ao lado dos vitrais maravilhosos das velhas catedrais góticas, revelam-se como mundos de beleza, o colorido e o traço das figuras que enchem um dos códices do Escorial e o Florentino.

Estas Cantigas de Santa Maria não são, com efeito, qualquer coisa a mais ou a menos em relação a outras; parecem-me ser simplesmente o que faltava àquilo que conhecíamos do século XIII, a mais completa manifestação da sua vida, dos seus sentimentos, do seu ambiente, público e particular.

E tudo isto, filtrado pelo espírito poético dum Rei que demonstrou mais inclinação para a poesia e para os problemas de cultura do que tacto para dirigir a política de Castela.

O certo é termos hoje um cancionero com mais de quatrocentas composições todas com a respectiva letra e música — cobras e son — escritas na língua galaico-portuguesa, a linguagem dos trovadores, donde brotou a língua portuguesa, como arroio cristalino correndo em profundo vale até engrossar a ponto de cavar sulcos que se encheram para vaziar no mar que são os *Lusíadas* de Camões ou os Sermões de Vieira.

É mesmo o único cancionero existente na Europa com música monódica, não litúrgica.

A poesia narrativo-religiosa de Afonso X está longe de ser uma manifestação popular, pois está, ao contrário, cheia de artifícios da métrica provençal levando à mistura alguma percentagem de latinismos e provençalismos. O que as Cantigas são é uma alta manifestação de affecto à Virgem Maria, fazendo coro com os *Loores* de Berceo e levando-nos à certeza de que «se não está absolutamente provado que o culto da Virgem presidiu às origens do lirismo europeu, tem-se todavia como seguro que essa génese apresenta um carácter religioso e litúrgico. «(Das Origens da poesia lírica em Portugal na Idade-Média, por M. Rodrigues Lapa, pág. 108).

Apraz-me registrar esta conclusão do Professor Doutor Rodrigues Lapa, aqui na Cidade da Virgem.

Talvez que tenham sido as sequências de Notker na irregularidade própria resultante do preenchimento das notas dos neumas aleluiáticos a razão próxima que influenciara o lirismo poético, levando à mistura a dose inevitável das características de cada meio onde se usou.

Sirva de exemplo a cantiga n.º c/c/c que reza assim:

E por esto lhe mando
que lhe non venha emente
do que diz a mo gente
porque soom de seu bando,
et que ando
a loando
et por ela vou trobar,
et cuidando
et buscando
como a possa onrrar
Muito deveria
ome semp' a loar
a Santa Maria
et seu ben rezoar

Mas que lhes dê galardões
ben quaes eles merecen
porque me tan mal gradecem
meus cantares e emeus sões
et razões
et tensões
que por ela vou filhar;
ca felões
corações
me van porende mostrar.
Muito deveria etc.

Afonso X que provou na vida os maiores dissabores, parece ter trabalhado com interesse na feitura das Cantigas, tenha ou não sido o único autor das *cobras e do son*.

Serviu-se por isso de todas as fontes conhecidas, desde as orais ouvidas a qualquer jornal galego ou provençal até à *Leyenda Aurea* de Voragine ou ao *Speculum historiale* de Beauvais.

Aproveitou principalmente, talvez a sugestão de Gautier de Coincy e de Gonçalo de Berceo. Mas não copiou inglòriamente. Tudo sujeitou ao cadinho apurado do seu talento peregrino mimoseando os seus contemporâneos e as gerações futuras com descrições primorosas, perfeitas, dificilmente igualáveis. Tratou assuntos tão cheios de poesia e dignidade que poetas posteriores haveriam de tomá-los para os tratar cada qual a seu modo.

Seiscentos anos antes que John Davison (1857) escrevesse a sua *Ballad of a Nun* (Balada da Monja) Afonso X havia dado da mesma seis variantes preciosas. A lenda da estátua e o anel tratada por Próspero Mérimée em *Vénus d'Ille* e por Henri Heine no seu *Dieux en Exil* foi referida nas Cantigas com uma grandeza, originalidade e sobriedade insuperáveis.

Muito há para estudar no texto das Cantigas do Rei Sábio. Faltam ainda os estudos parcelares que possibilitem uma síntese valoritiva de quanto refere no sentido teológico, moral e etnográfico, não falando nos estudos filológicos a que pode e deve dar matéria aquele, ainda mal ouvido canto.

O problema musical das Cantigas ainda parece dar origem a controvérsias entre os musicólogos, supondo-se cada um senhor da chave do segredo da velha escrita semiográfica dos códices afonsinos.

Convém no entanto acentuar que a base do processo da transcrição é aceite hoje por todos os musicólogos e essa base é o ritmo da métrica assim como o rigor geral das mesmas figuras da música.

É a palavra com o seu ritmo próprio que há-de ajudar a encontrar o ritmo das melodias sempre que as figuras não se mostrem suficientemente claras. Há diferenças de critério na interpretação de alguns sinais principalmente no que se refere às notas plicadas, mas

o trabalho mais completo e pode dizer-se único publicado até hoje, é da autoria de Mons. Higinio Anglès, actual Presidente do Instituto Pontifício de Música Sacra de Roma.

Estão ultrapassadas definitivamente, para honra e glória da cultura cristã e peninsular, as teses arabistas sugeridas tanto para o texto como para a notação e música das Cantigas.

Depois de António Sardinha e principalmente Rodrigues Lapa, em estudo que, sobre o assunto se pode considerar clássico, não há mais o direito de se pretender arrebatat à Espanha cristã a glória da sua independência espiritual quando a outra não existia.

Ainda não foi escrito por ninguém, que eu saiba, o poema da resistência que o espírito dos povos peninsulares, latinos e cristãos, ofereceu às invasões mussulmanas. E para se ajuizar do feito ainda não cantado, baste recordar que numa invasão completa que tudo submergiu sob o fogo e o ferro do Islão, nunca se perdeu, melhor, nunca se confundiu e nunca se abandonou a língua que os romanos nos ensinaram a falar e a religião que os primeiros missionários cristãos trouxeram até nós. E foi por obra e graça de espírito de resistência, que durou séculos, que se tornou possível a fundação de Portugal como nação independente. Não. Assim como o canto gregoriano surgiu no Império Romano como reacção às manifestações musicais pagãs, assim as Cantigas de Santa Maria, no duplo aspecto literário e musical, brotaram de espíritos cristianíssimos que se preocupavam naturalmente em não imitar nada que fosse apanágio litúrgico ou religioso dos seus piores inimigos, os árabes, a cujo nome, toda a Península tremeu.

Se a origem da poesia lírica em Portugal mergulha nas raízes litúrgicas, o mais antigo documento musical não litúrgico, parece abeberar principalmente nas fontes sempre frescas da música litúrgica, indissolúvelmente ligada à mesma essência da Liturgia da Igreja.

Na análise feita às melodias do cancionero, aná-

lise sumária, não definitiva e por isso sujeita a muita revisão, verifica-se que há melodias gregorianas aplicadas aos versos galaico-portugueses. Verifica-se que há melodias simplesmente inspiradas no repertório gregoriano. Verifica-se que há melodias provenientes de origens latino-medievais, não gregorianas. Verifica-se que há melodias de carácter popular, possivelmente do folclore ibérico ou não identificado. Verifica-se finalmente que há melodias que foram compostas de novo. E verifica-se sobretudo que há muito que estudar nas velhas Cantigas do Rei Sábio, Avô de D. Dinis, outro altíssimo Trovador cujo cancionero à Virgem, de que fala Duarte Nunes de Leão, anda perdido.

E aqui, minhas senhoras e meus senhores, termina a história que o zagal veio contar ao presépio da rua Gonçalo Cristóvão e vai começar a canção.

Esta, começa com um deslumbramento de cores e de figuras. Principia com o aparato faustoso de um cortejo deslumbrante em que se confundem reis e príncipes, bispos e clérigos, nobres e infantões, gente dos mesteres e servos da gleba, poetas e músicos, almas e coisas, porque de tudo isto há em abundância nas 1262 iluminuras de dois dos quatro códices afonsinos chegados até nós.

É o desfilar lento e compassado dum século em que o silêncio é voz clamorosa a fazer-se ouvir ainda, no calmo sossego das paixões amansadas, no ritmo cadenciado das passadas ferindo as pedras duras das largas alamedas dos parques da História.

Procissão maravilhosa onde se pode admirar a «riqueza em representação de trajés, de armas, navios, móveis litúrgicos e profanos, instrumentos de música e até reproduções de tapetes, altares, retábulos e quadros» numa orgia de linhas e de cores que só tem paralelo nos vitrais das catedrais do seu tempo e nas agulhas esguias das suas torres.

Bíblia estética do século XIII lhes chamou Menéndez Pidal; mas se é Bíblia deve ter uma revelação e tem-na.

É a revelação dum grande amor à Virgem Nossa Senhora que encheu a cristandade. É a revelação luminosa do povo cristão medieval nas suas manifestações ingênuas de vida, como nos seus anseios de superação espiritual.

É um cântico triunfal que se juntou às harmonias festivas da apoteose da razão, baptizada por Tomás de Aquino. É uma canção requintada dizendo acústicamente com a grande sinfonia dos versos dantescos. É um sonho de altura, um sonho de beleza daqueles que sonharam os architectos de Chartres, de Reims ou de Notre Dame.

E a canção continua nos versos de Afonso X, como se recitados fossem no pórtico do presépio de Belém, à Virgem Mãe que, abraçando o seu Filho, nos abraça a todos porque a todos esse Filho veio oferecer a salvação.

Cantou assim o Rei Trovador:

Rosa das rosas
et Fror das frores
Dona das donas
Sennor das sennores
Rosa de beldad'
e de parecer
et Fror d'alegria
et de prazer
Dona en mui piedosa seer
Sennor en toller coitas e doores.

E às palavras inspiradas do vate que cantou a morte «di Madonna Laura»

Vergine bella, che di sol vestita,
coronata di stelle, al sommo Sole
piacesti sí che 'n te sua luce ascose
Amor mi spinge a dir di te parole,

responde a Poesia, incarnada no Florentino imortal,
Dante Alighieri:

O somma luce che tanto ti levi
dá concetti mortali, a la mia mente
ripresta un poco di quel che parevi,
e fa la lingua mia tanto possente,
ch' una favilla sol de la tua gloria
possa lasciare a la futura gente.

E a canção continua.

*Em seguida foram executadas
6 Cantigas, duas de Louvor
e quatro narrativas.*

P A L E S T R A

PELO

DR. A. DE MAGALHÃES BASTO

Por menos que o prezado leitor se lembre do que deve ter estudado da História da Literatura Portuguesa — ramo de saber interessantíssimo, mas de que nem toda a gente precisa de se recordar, para viver; por menos que o prezado leitor se lembre desses assuntos, com certeza não se esqueceu do nome de Frei Bernardo de Brito, famoso cronista-mor da ordem de S. Bernardo, em Portugal, nascido em Almeida no ano de 1568 e ali falecido em 1617.

Monge eminente de Alcobça, — desse opulento Mosteiro que, na expressão justíssima de Fidelino de Figueiredo, «se tornou no fim do século XVI e durante o XVII, um centro de cultura histórico e de zelo patriótico», — Frei Bernardo de Brito foi autor de várias obras históricas, entre as quais a mais copiosa é a *Monarquia Lusitana* (1.^a e 2.^a partes). Acontece, porém, que o bom de Frei Bernardo — no seu patriotismo ardente — quis escrever a história de Portugal, principiando na «criação do mundo e nas aventuras que por ele correu o seu primeiro habitante Adão»; — escreveu muito, mas ainda

assim só chegou até à doação do condado portugualense ao Conde D. Henrique. E o que ele disse desde Adão e Eva até então!...

Frei Manuel da Rocha, também cisterciense, sorriria da afoiteza com que o seu colega Brito deambulava através *dos primeiros trinta séculos da História do Mundo* (v.º Hernâni Cidade) e Oliveira Martins, considerando a nimia credualidade de Frei Bernardo de Brito perante as fábulas mais inverosímeis, chamar-lhe-ia sem caridade mas lapidariamente, *padre mestre das patranhas* da história nacional.

Tudo isto se estuda na História da Literatura Portuguesa. Qualquer menino ou menina do sexto ou sétimo ano do Liceu sabe, pois, que houve no séc. XVI-XVII um historiador alcobacense chamado *Frei Bernardo de Brito* — o qual, apesar de quantas explicações se tenham querido dar, não se livrou ainda da fama de ter sido um grande patranheiro — fossem as patranhas forjadas por ele mesmo, fossem de responsabilidade alheia mas por ele aceites como se de verdades incontestadas se tratasse.

Tudo isto é mais ou menos geralmente sabido: o que nem todos saberão é que houve um outro Frei Bernardo — um Frei Bernardo de Brito Júnior, na cidade do Porto, no ano da graça de 1887.

Sim, senhor!

Tenho aqui um livro impresso, nesta nossa cidade, naquele ano, em o qual se lê (não invento):

— «O leitor vai defrontar-se com o egresso Bernardo de Brito Júnior. Veja que de surpresas lhe prepara este livro! (...) O egresso Júnior é filho do egresso Sénior — o velho cronista de Cister, estupendo escavador de maravilhas pasmosas.

Por artes não sei de quê (continuo a reproduzir prosa que não é minha)... conseguiu o Sénior transfundir no Júnior ciência que farte» etc. etc.

E efectivamente, no livro a que me reporto encontram-se uns *Estudos da Velha História Portuguesa* em que

se alternam dois autores: — o egresso Bernardo de Brito Júnior e F. Fagundes.

Juro, se for preciso: — tudo quanto acabo de dizer é a pura expressão da verdade.

Todavia, minhas Senhoras e meus Senhores, é apenas uma parte da verdade.

E porque assim é, com muito gosto acrescentarei que os nomes de Bernardo de Brito Júnior e de F. Fagundes não passam de pseudónimos; são as máscaras com que pretenderam disfarçar-se dois dos mais notáveis valores da literatura e da ciência portuguesa do séc. XIX.

Eu explico:

Fez agora cem anos que um homem de bondoso coração, João Vicente Martins, não tendo encontrado em Lisboa ambiente favorável aos seus desígnios, logrou vir fundar no Porto a Creche de São Vicente de Paulo — esse simpático estabelecimento que justamente há dias comemorou solenemente o primeiro centenário da sua benémérita existência. Bafejara-lhe o nascimento em 1852 um outro homem de bem chamado António Ferreira Moutinho. Anos depois, um irmão de António Moutinho, de nome Joaquim Ferreira Moutinho, que durante quinze anos fora presidente da Direcção da mesma Creche, resolveu promover a publicação dum livro, cuja venda revertesse em favor desse estabelecimento e do Hospital de Crianças Maria Pia. E como Camilo Castelo Branco houvesse feito parte da primeira Direcção da Creche, e Joaquim Moutinho mantivesse com ele e com o sábio arqueólogo vimarense Francisco Martins Sarmiento as melhores relações de amizade, pediu-lhes a sua colaboração. Ambos anuíram ao pedido. Várias tipografias e casas comerciais do Porto deram grátis trabalho e papel — e o livro foi publicado sob o título eloquente e enternecedor, de *Óbolo às Crianças*.

Martins Sarmiento, na frase elogiosa mas verdadeira de Camilo, foi «um dissipador de contos de reis sacrificados à sua paixão de exumar povoações pre-históricas»; mas foi também um grande e compassivo coração.

E Camilo? Como escritor não há ninguém que o não conheça; do que pouca gente tem ouvido falar é da ternura imensa do seu coração: — «o mais enternecido coração que eu conheço em peito de aço», escreveu Joaquim Ferreira Moutinho.

E Sarmento, em Briteiros, e Camilo em São Miguel de Seide — ambos se deitaram ao trabalho. Martins Sarmento pôs a máscara de F. Fagundes; Camilo, a de Frei Bernardo de Brito Júnior.

E brincando, chalaceando, produziram as páginas deliciosas de graça, de ironia e de sátira que constituem os já citados *Estudos da Velha História Portuguesa*.

É claro que não são nada *estudos da velha história portuguesa*; são duelos de humorismo e de fantasia, em que, brincando com a história e a pre-história, os dois autores vibraram algumas zargunchadas em homens, acontecimentos e costumes seus contemporâneos. Num desses *estudos*, a propósito de proesas cavaleirescas executadas em Braga no séc. XIV em tempo do Arcebispo D. Gonçalo Pereira, por ocasião da histórica investida àquela cidade minhota, de dois capitães galegos, D. Fernando Rodrigues de Castro e D. João seu irmão, acompanhados de muita gente de armas — Camilo põe estes dois *manos*, depois da batalha, a comer frigideiras, nos *Dois Amigos*.

E diz:

— «Os Castros iam já na duodécima frigideira quando os sobressaltou o aviso de que se ouviam as charmelas do arcebispo nas voltas de Macada, e a banda musical das Taipas trompejava o hino do arcebispo nos desfiladeiros da Falperra. Cavalgaram aceleradamente, e esporearam os ginetes para a Senhora a Branca, em direcção a Carvalho de Este.

Era tarde».

Porque é que era tarde? — perguntará o prezado ouvinte. Porque um chapeleiro — que morava na Senhora a Branca por alcunha o *Fataxa* — e tinha um filho teó-

logo — já estava preparado para os receber, (o Fataxa Júnior dispunha dum revólver marca *bull-dog*, que viera comprar ao Porto; o pai munira-se duma bomba de dinamite, e já lhe tinha chegado lume ao morrião...)

E Frei Bernardo de Brito Júnior continua risosamente a sua história fantástica, muito baseada nos seus pergaminhos n.ºs 1, 2 e 3, com irónicas e aceradas alusões a *Fataxas* e *Taxas*, chapeleiros de Braga, graças esses que visavam desapiedadamente gente conhecida da nossa cidade dos Arcebispos.

Noutro dos seus *estudos* Frei Bernardo de Brito Júnior ocupa-se dos celtas e prelecciona assim ao seu correspondente e amigo:

— «Senhor Fagundes: bons 4.000 anos antes da irrupção da canalha celta (...) apareceu neste jardim da Europa, Túbal, neto de Noé e quinto filho de Japhet (...) Não deve ser estranho a Fagundes que Noé esteve em Espanha a observar o ocaso do sol e os movimentos da estrela Hispéria vespertina (Macedo, *Flores de Espanha* cap. I). Desta vez ou da segunda que cá veio, trouxe a família e fundou Gaia, chamada *Cale*; e como já tinha inventado o vinho, e apanhado boas turcas, seria também o fundador dos armazens daquela imensa taberna».

Esta versão da origem dos armazéns vinícolas de Vila Nova de Gaia é bem digna, na verdade, de um Frei Bernardo de Brito Júnior — o qual continuando a disreter com análoga, profusa e infusa ciência sobre os celtas, diz ainda que estes, quando para cá vieram, «se alapardaram ali pela freguesia de Briteiros (onde está a célebre Citânia, explorada por Martins Sarmento); e, quando se lhes ajeitou ocasião, desceram a estabelecer-se em Braga e Guimarães com mercearias e outros mesteres, que ainda hoje subsistem e se conhecem por certo fedor céltico».

Mas a colaboração de Camilo neste livro *Óbolo às crianças* não foi apenas a que lhe deu sob o nome de Frei Bernardo de Brito Júnior. Vários outros artigos seus ali se encontram, uns como o de *As Favas Negras*,

engraçadíssimos, outros como os da Procissão dos *Moribundos* e *Procissão dos Mortos*, cheios de notas biográficas do mais alto interesse sobre personalidades daquele tempo.

Do *Óbolo às Crianças* foi feita uma tiragem de 5.000 exemplares, 100 dos quais numerados. O número 11 foi oferecido a Camilo, já então Visconde de Correia Botelho. Era «ricamente encadernado em percalina vermelha, *tranche dorée*».

O prefácio que para esse livro escreveu o já citado Joaquim Ferreira Moutinho tem como data: — Porto, Junho de 1887». Portanto, o livro foi impresso só depois dessa data. Pois logo em 4 de Novembro do mesmo ano, Camilo escrevia no ante-rosto do exemplar n.º 11 — que lhe havia sido oferecido, — a seguinte dedicatória:

— «Meu prezado António Cândido.

Peço-lhe licença para interpôr na sua livraria esse livro de bagatelas e arqueologias burlescas, à mistura com algumas coisas tristes. Eu queria que V. Ex.^a no transcurso da sua gloriosa carreira, relançando acaso a vista a este livro, se lembrasse de ter visto no ocidente da vida um velho trabalhador a admirá-lo», etc.

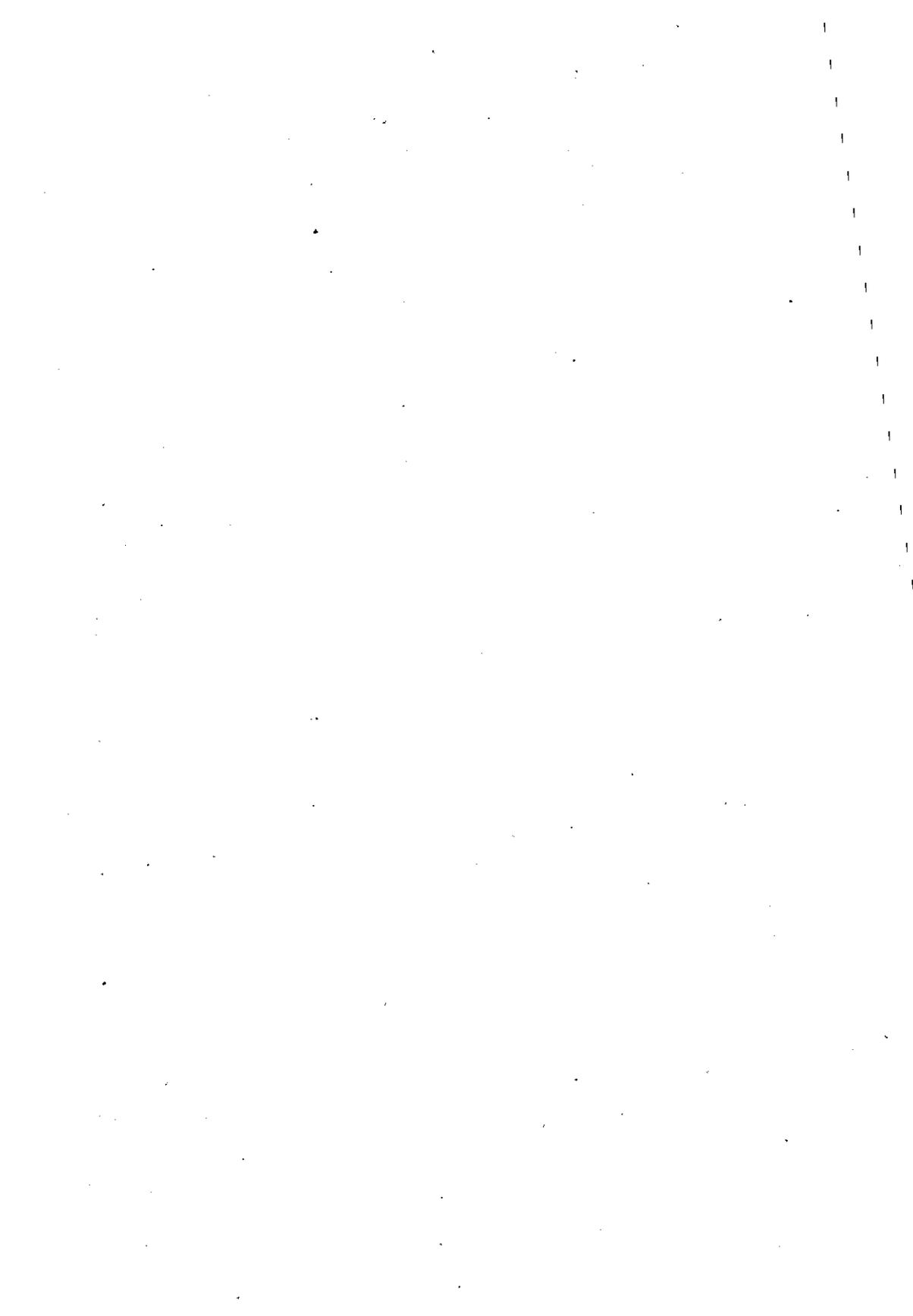
Sim. Quando Camilo Castelo Branco, em 4 de Novembro de 1887, dedicava o seu exemplar especial do *Óbolo às Crianças*, ao fulgurante orador que se chamou António Cândido, ele já se encontrava no ocidente da sua acidentada e desventurosa existência: abreviar-lhe-ia o termo menos de três anos depois — nessa tarde trágica de 1 de Junho de 1890...

Com quanta justiça, pois, ao passar o primeiro centenário da Creche de São Vicente de Paulo, no Porto, foi lembrado pelo sr. dr. António Luís Gomes na sessão solene, o nome de Camilo! Pouco antes de deixar este mundo, que para ele foi um *inferno*, o torturado de Seide, já quase cego, desanimado, desiludido, em luta com a obsessão do suicídio, — «todas as minhas infelicidades do corpo e da alma eram delícias, antes de eu sentir esta suprema desgraça», palavras de Camilo ao Visconde de

Ouguela em 10 de Abril do ano de 1887! — em luta com tanta tortura, com tanta desgraça, com tanto desespero, ainda Camilo teve forças e coragem para se contrafazer e rir — e brincar de Frei Bernardo de Brito Júnior! Chega a ser espantoso!

E por que fez isso? Porque lhe falaram em socorrer o Real Hospital de Crianças Maria Pia e a Creche de S. Vicente de Paulo; e porque também, lembrado do apótegma de Bossuet, repetido numa das primeiras páginas do citado *Óbolo às Crianças*, ele entendia que — *«de todos os nossos tesouros, só levaremos para o outro mundo a parte que neste tivermos dado»*.

E esta foi certamente uma boa acção — talvez a mais bela da sua tão desnorteada vida — que ele pôde apresentar no tribunal de Deus!



ÍNDICE

DUAS PALAVRAS	7
<i>Introdução</i> pelo Dr. Alberto Pinheiro Torres	9
<i>Homília</i> pelo Rev. Mário Branco, O. F. M.	15
<i>Conferência</i> pelo Dr. António Luís Gomes.	19
<i>Alocução</i> pelo Dr. António Cruz	31
<i>Conferência</i> pelo Rev. Dr. Manuel Alegria	35
<i>Palestra</i> pelo Dr. A. de Magalhães Basto	47

